

A chantagem de alcance global

Luiz Carlos Bresser-Pereira

CartaCapital, agosto 2025

O objetivo dos Estados Unidos ao estabelecer uma tarifa de importação do Brasil de 50% não é a absolvição de Bolsonaro, é submeter o Brasil, que está situado no seu “quintal” mas pratica uma política independente. Em outras palavras, o que esse país e seu presidente querem é impedir que Lula se reeleja e o Brasil volte a fazer parte do “mundo livre”. Volte a abrir sua economia ainda mais do que já está aberta e renuncie qualquer veleidade de voltar a crescer.

Como afirmou Jamil Chade em seu notável artigo “Batalha campal” (*CartaCapital*, 4.07.2025), “abalar a estabilidade de um governo democraticamente eleito é o principal objetivo de um movimento que precisa retirar de seu caminho forças progressistas e emergentes para costurar uma nova ordem mundial que perpetue e renove sua posição de força. A autonomia do Brasil, portanto, é intolerável. Inclusive perigosa, caso outros emergentes a usem como modelo.”

Se considerarmos que, segundo o princípio da “tarifa recíproca”, não há qualquer justificação para essa tarifa absurda aplicada ao Brasil cujas tarifas são baixas e, ainda por cima, apresenta déficit em suas relações comerciais com os Estados Unidos, fica ainda mais claro o caráter global da chantagem.

Os Estados Unidos são claramente uma potência relativamente decadente dado o enorme crescimento da China, que embora tenha diminuído de ritmo, continua bem maior do que o do seu concorrente. Embora tudo indique que em breve a China o superará, seu presidente se desespera e toma medidas como esta contra o Brasil.

O princípio da reciprocidade de tarifas pode ser indiferente ou destruidor para os parceiros comerciais dos Estados Unidos. No caso de países pobres que, no entanto, começam a se industrializar, o princípio é destruidor. Veja-se o caso de Lesoto, um pequeno país do Sul da África. A duras penas ele construiu uma indústria têxtil, protegendo-a por tarifas. Aplicado o princípio, Lesoto terá que reduzir as tarifas e aceitar a pobreza sem fim.

Muito diferente é o caso de países de renda média como o Brasil, que já construíram uma indústria em certos casos muito sofisticada (veja-se a Embraer e a WEG) e suas tarifas já foram baixadas. Hoje são em média de 14%. Se os Estados Unidos quisessem aplicar o princípio da tarifa recíproca, sua tarifa deveria ser igual a esta – o que não representaria problema para nós.

Para o Japão e para a União Europeia os Estados Unidos acabam de fazer um acordo em que a tarifa ficou em 15%.

Os 50% aplicados ao Brasil só podem, portanto, ser explicados como uma chantagem para nos submeter – submeter mais do que já estamos submetidos – desde 1990, quando realizamos de forma equivocada a abertura comercial e financeira, e desde então nossa economia está quase-estagnada, incapaz de realizar o catching up, o alcançamento gradual dos níveis de renda dos países ricos.

Diante desta ameaça, naturalmente devemos negociar. Mas a coisa mais importante é que cerremos fileiras. Os empresários de todos os setores e o restante da sociedade devem se unir e mostrar que não nos submeteremos.

A imprensa diz que Lula está recorrendo ao patriotismo ou, mais precisamente, ao nacionalismo econômico. Mas o que poderia fazer o Presidente senão isto? Muitas vezes esquecemos que o Brasil é uma nação, mas, apesar de todos os conflitos internos que são inevitáveis, temos uma história e um destino comum que, em uma hora como esta, se torna evidente.

Se ficar claro para o mundo que não nos curvaremos a esta chantagem, os Estados Unidos não terão alternativa senão voltar atrás. O que não será novidade porque “Trump always chickens out” (TACO). Sim, ele sempre se amedronta e volta para atrás. Mas isto acontece quando a reação a seu arbítrio é grande. A do Brasil está sendo grande.

A chantagem tem dimensão global. E coloca o Brasil em uma posição central. O mundo civilizado espera do Brasil uma resposta à altura. Saberemos dá-la.